



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Abdon Milanez
A centelha



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

A centelha

Abdon Milanez

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Digitalizado pelo projeto "Biblioteca Digital de Peças Teatrais" (BDteatro) da Universidade Federal de Uberlândia.

Livro Digital nº 390 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Abdon Felinto Milanez
(1858 – 1927)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A CENTELHA



PERSONAGENS:

CARLOS SILVÉRIO (comerciante)

PRAXEDES VAZ (fazendeiro em São Paulo)

RENATO VAZ (bacharel, seu filho)

DR. VALENTE MAIA (médico)

JOÃO DA MATA (corretor)

COLATINO (empregado da casa de Silvério)

HENRIQUETA SOARES (gerente da casa de Silvério)

SUZANA GAMA (filha de Carlos Silvério)

GEOVANA GAMA (mãe de Carlos Silvério)

BONIFÁCIA GAMA (prima de Carlos Silvério)

ATO I

CENA I

Gabinete de Silvério, no primeiro andar de um sobrado, na rua de São Pedro. Móveis e utensílios habitualmente usados em tais escritórios. Um cofre, duas estantes com livros comerciais. Ao fundo três janelas dando para a sacada. Duas portas laterais. Silvério, Praxedes e João da Mata (o primeiro sentado à secretária, o segundo ao seu lado direito, e o terceiro de pé, em frente aos dois)

PRAXEDES

Muito bem, compadre. Esse caso está resolvido.

SILVÉRIO

Ainda não, compadre Praxedes. Não tenho confiança nesses papéis.

PRAXEDES

Não lhe basta a opinião do seu corretor?

SILVÉRIO

Que quer, meu amigo? Os homens se enganam sempre, por mais prática que tenham dos negócios.

JOÃO DA MATA

Lá isso é verdade, e o senhor Silvério é daqueles que adotam o rifão: Seguro morreu de velho.

PRAXEDES

Está vendo que o compadre é cauteloso.

SILVÉRIO

Certamente. Vamos ouvir mais uma opinião. Essa será a última palavra.

PRAXEDES

De quem se trata?

SILVÉRIO

Vai ver. *(Toca o tímpano. Aparece um criado)* D. Henriqueta que me venha falar.

(O criado sai, e momentos depois entra Henriqueta, que se dirige para a secretária e se conserva de pé).

CENA II

Os mesmos e Henriqueta.

SILVÉRIO

Henriqueta. Apresento-lhe o meu velho amigo e compadre, coronel Praxedes Vaz, fazendeiro em São Paulo, *(para Praxedes)* D. Henriqueta soares, gerente da nossa casa.

PRAXEDES *(muito admirado, estendendo a mão a Henriqueta)*

Gerente? Então é esta moça quem dirige sua casa?

SILVÉRIO

Por que não? Grande competência, atividade inimitável, ver os meus negócios?

PRAXEDES

Pois compadre, ainda não estou em mim. Lá por São Paulo também há muita mulher fazendo trabalhos de homem; entretanto não conheço nenhuma dirigindo casa de comissões. É a primeira que vejo nessas alturas...

HENRIQUETA

Sr. coronel já deve ter compreendido que o Senhor Silvério está, permita-me a expressão, exagerando os meus méritos. Sou apenas uma modesta auxiliar...

SILVÉRIO

Deixe-a falar, compadre. Quando esta moça entrou para a casa, tinha apenas vinte anos. Eu estava em sérias dificuldades. Pois bem: sem espalhafatos, não procurando dar mérito ao seu trabalho, em quatro anos, colocou o meu negócio em plena prosperidade. Entrou como datilógrafa, e hoje, é a nossa Gerente.

PRAXEDES

E como arranjou você esta joia?...

HENRIQUETA

Por Deus, me poupem. Certamente não foi para tratarmos deste assunto que...

SILVÉRIO (*risonho*)

Bem. Não lhe ofendemos a modéstia. (*Para Praxedes*) Terei ocasião de satisfazer a sua curiosidade. (*Para Henriqueta*) Que acha que deva fazer com as ações da Companhia Vigilância?

HENRIQUETA (*rapidamente*)

Vendê-las sem perda de tempo.

JOÃO DA MATA

Como, D. Henriqueta? Se apenas há quatro dias elas começaram a subir, com promessa de um dividendo superior a 12%.

HENRIQUETA

É minha opinião. O jogo está claro! Se os senhores observassem melhor, veriam que essa alta é fictícia; que se trata de um conchavo ente uns acionistas que querem se desfazer das ações que possuem. Dentro de um mês elas vão baixar. Se o coronel não quer perder dinheiro, venda já as suas.

PRAXEDES

Não são minhas. Pertencem a um meu vizinho.

SILVÉRIO

Compadre, o caso está resolvido. Suas ou do seu vizinho, é necessário vendê-las, sem perda de tempo!

PRAXEDES

Dê as ordens, compadre.

SILVÉRIO

Vá, João da Mata, e procure o melhor preço.

JOÃO DA MATA (*à parte*)

Quem vai no meio sou eu. (*Alto*) Até logo.

TODOS

Até logo. (*Sai João da Mata*)

CENA III

Os mesmos menos João da Mata.

PRAXEDES

Dona. A senhora é admirável.

HENRIQUETA (*agradece com um gesto. Para Silvério*)
Posso retirar-me?

SILVÉRIO
Pois não. (*Sorriso entre os dois*) Obrigado!

HENRIQUETA (*cumprimentando Praxedes*)
Muito prazer de o conhecer. Sempre ao seu dispor.

PRAXEDES
O prazer é todo meu, senhora dona. Agradeço muito as suas informações.

(*Cumprimentos, Henriqueta sai*)

CENA IV

Praxedes e Silvério.

PRAXEDES
Compadre, que achado! Como descobriu você este tesouro?

SILVÉRIO
Muito simplesmente. Henriqueta estava-se educando no colégio de Santa Ângela, onde fez muito boa amizade com Suzana, que lá se acha desde que perdeu a mãe.

PRAXEDES
Como vai minha afilhada, compadre?

SILVÉRIO
Muito bem. Dentro de três meses deverá concluir os seus estudos.

PRAXEDES
Bravos. Vamos ao caso.

SILVÉRIO

Henriqueta também era órfã de mãe, e de um dia para outro, morreu o pai, um modesto funcionário público, deixando à filha um montepio de cento e cinquenta mil réis. Foi aquela ocasião que Suzana pediu-me para colocar sua colega e amiguinha aqui como datilógrafa. Concordei, não porque contasse que viesse prestar grandes serviços, mas... por caridade.

PRAXEDES

Era um diamante de primeira água que você encontrava, em compadre?

SILVÉRIO

É verdade. E o que mais me agrada é a solicitude, o carinho que ela dispensa a minha mãe. Sempre que tem um momento de folga vai lá em cima vê-la. À noite passeiam pela Avenida, e aos domingos vão à Missa!

PRAXEDES

Não há dúvida, compadre! Foi um achado! Aceite meus parabéns! (*Mudando de tom*) Agora, compadre temos outro assunto muito importante, e eu conto com você...

SILVÉRIO

Quanto precisa?

PRAXEDES

Não, se trata de dinheiro. Isso, graças a Deus não falta. Você precisa de algum?

SILVÉRIO

Não, obrigado! Então, que há?

PRAXEDES

Trata-se de meu filho.

SILVÉRIO

Do Renato? Que sucedeu?

PRAXEDES

O diabo. É um caso perdido. Deu para ruim, compadre.

SILVÉRIO

Como?

PRAXEDES

Imagine você, que aquele moço educado, estudioso, enfim, um homem de bem, entregou-se aos caprichos de uma colona italiana, lá na fazenda. Eu botei-a pra fora; mas não valeu de nada!

SILVÉRIO

Que fez ele?

PRAXEDES

Montou casa em São Paulo pra tipa com quem morava, fazendo dívidas pra eu pagar!

SILVÉRIO

Oh! Que pena! O nosso Renato! O noivo de Suzana!

PRAXEDES

É verdade! Eu que tanto desejava vê-lo casado com a minha afilhadinha, (*outro tom*) mas tomei uma resolução, se você quiser ajudar-me...

SILVÉRIO

Por que não? Conte desde já com o que depender de mim.

PRAXEDES

Muito bem! Passei uns cobres à rapariga, e mandei-a para a Itália! O Renato deu o desespero!

SILVÉRIO

Você é de força, compadre!

PRAXEDES

Quando ele soube para onde a colona tinha ido, quis ir ao seu encalço, e, só com muito jeito, consegui trazê-lo até o Rio. Uma vez aqui, intimei-o a empregar-se ou eu o abandonaria por completo.

SILVÉRIO

E o que ficou resolvido?

PRAXEDES

Aí é que pega o carro. Declarou-me que irá para casa que eu determinar, mas que eu tenha a certeza de que nenhuma o suportará por mais de três dias!

SILVÉRIO

Havemos de ver. Mande-o para aqui. Eu o entregarei aos cuidados de

Henriqueta. Em poucos dias ele não terá vontade de deixar a casa...

PRAXEDES

Sei lá, compadre... Aquilo é um cabeçudo. Enfim, vamos tentar. Pode ser que a moça faça milagres!

SILVÉRIO

Espero que sim! Em todo caso a nossa combinação de dez anos passados está positivamente desfeita!

PRAXEDES

De certo! Nunca entregarei minha afilhada a um louco! Sim compadre! Creio que Renato está com a bola virada.

CENA V

Os mesmos e Genoveva.

PRAXEDES (*para Genoveva que vem entrando*)

Oh, minha cara senhora! Grande satisfação em vê-la.

GENOVEVA

Como vai, Coronel Praxedes? Que agradável surpresa. Quando chegou?

PRAXEDES

Cheguei ontem, dona Genoveva.

GENOVEVA

Veio dar o seu passeio ao Rio...

PRAXEDES

Não, senhora. Vim a negócios e procurar uma colocação para o Renato...

GENOVEVA

Ele também está no Rio?

PRAXEDES

Sim, senhora, e vem trabalhar aqui...

GENOVEVA

Como? Deixou os estudos?

PRAXEDES

Que quer? Dona Genoveva? *(Olha para o Silvério)* Ele não dá para doutor. Vai tentar o comércio. Não acha compadre, que poderá fazer carreira?

SILVÉRIO

Pois não! Já lhe disse que vou confiá-lo a Henriqueta. Ela o guiara.

(Genoveva olha admirada para Silvério)

PRAXEDES

Então estamos entendidos. Vou providenciar para que o rapaz se apresente hoje mesmo a Gerente. Diga à moça que o faça trabalhar. O ordenado será de um conto de réis que enviarei regularmente.

SILVÉRIO

Como assim?

PRAXEDES

Não quero que a casa dispense um real com ele. Já não é pouco o que vocês têm que aturar com o cabeçudo.

GENOVEVA

Mas, Coronel, não o compreendo. Para que tanta recomendação, se o Renato é um moço inteligente e trabalhador?...

PRAXEDES (*hesitando*)

É...é... porque ele, D. Genoveva, esta agora na muda. (*Risos*) A senhora vai ver. Está birrento, caprichoso... O diabo, com licença da palavra. Ninguém pode com ele. (*Mudando de tom*) Agora peço licença... e até amanhã, pois voltarei para dizer lhes adeus...

GENOVEVA

Venha almoçar conosco...

SILVÉRIO

Tome nota compadre! Um convite de mamãe é uma ordem!...

PRAXEDES

Que eu cumprirei com muita satisfação. (*Ri, despedindo-se*) Até amanhã, Dona Genoveva.

(*Genoveva e Silvério acompanham Praxedes até a porta*)

GENOVEVA

Até amanhã, não falte. Traga o Renato. (*Praxedes sai*)

CENA VI

Silvério e Genoveva.

GENOVEVA

Não te parece, Calo, que o compadre quer preparar o terreno para realizar aquela combinação...

SILVÉRIO

Qual, mamãe! Nem pense nisso! O Renato está perdido! Viciou-se com mulheres e não faz outra coisa senão gastar dinheiro e estragar a saúde.

GENOVEVA

Por isso admites que ele venha ser teu empregado, e ainda mais sob a direção de Henriqueta.

SILVÉRIO

Não me ocorre providência mais acertada para ver se conseguimos salvá-lo.

GENOVEVA

Estranho o teu modo de agir... Sabes que eu não sou tola. Vejo claramente que tens uma simpatia profunda por Henriqueta...

SILVÉRIO (*interrompendo-a*)

Oh, mamãe!

GENOVEVA

Tens sim. Por isso admiro a tua resolução de colocar ao lado dela um moço em convivência diária...

SILVÉRIO

Tranquiliza-te mamãe... Em primeiro lugar a minha simpatia por Henriqueta é, como se diz, sem futuro...

GENOVEVA

Por que sem futuro?

SILVÉRIO (*carinhosamente*)

Oh, além da diferença de idade, Henriqueta é tão... independente, tão alheia ao sexo forte e tão elevada de espírito, que eu jamais poderia despertar. Creia, mamãe, Henriqueta não pensa em casar, e muito menos comigo, e eu ainda não cogitei disso.

GENOVEVA

Olha; é possível que estejas com a razão; mas coração de mãe não se engana. Tu gostas de Henriqueta e eu não posso ficar indiferente a isso...

SILVÉRIO

E se assim fosse, que farias mamãe?

CENA VII

Os mesmos e Henriqueta que traz na mão uma carta

HENRIQUETA (*vendo Genoveva*)

Bom dia, D. Genoveva. Pensei que não quisesse dar hoje o seu passeio...

GENOVEVA (*beijando-a*)

Eu ia convidar-te; mas encontrei aqui o coronel Praxedes, e demorei-me um pouco. Achas que ainda temos tempo?

HENRIQUETA

Pois não. (*Para Silvério*) Acabo de receber uma cara de Suzana pedindo-me para interceder junto ao senhor a fim de que ela deixe o colégio para vir passar aqui o aniversário de D. Genoveva.

GENOVEVA

Coitadinha, ela não se esquece da avó.

SILVÉRIO

Que achas, Henriqueta?

HENRIQUETA

Por um mês ou menos ainda, o senhor não deve se opor a tão justo desejo de sua filha. Aqui está a resposta, que, peço licença para enviar. (*Entrega a carta a Silvério que a lê e devolve risonho*)

GENOVEVA (*risonha, enquanto Silvério lê a carta*)

E se ele não concordar?

SILVÉRIO

Seria a primeira vez que eu não concordasse com as deliberações de minha gerente.

HENRIQUETA (*confusa*)

Dona Genoveva tem razão. Reconheço que me excedi... O caso não é comercial; é de família e até lá não chegam as minhas funções. Senhor Silvério, queira desculpar-me.

GENOVEVA (*abraçando-a*)

Não te julgo capaz de tomar a sério a minha brincadeira... Tu és a alma dessa casa.

SILVÉRIO (*erguendo-se*)

Bem, mamãe, vou até o Banco. Dentro de meia hora estarei de volta para o almoço...

GENOVEVA

Não te demores muito. Henriqueta hoje almoça conosco.

HENRIQUETA

A senhora sempre generosa.

SILVÉRIO (*alegremente*)

Tanto melhor. Até já. (*Sai*)

CENA VIII

Genoveva e Henriqueta.

GENOVEVA

Reparaste como Silvério saiu alegre?

HENRIQUETA

Parece-me realmente satisfeito.

GENOVEVA

Não sabes o motivo?

HENRIQUETA (*sinceramente*)

Não, senhora?

GENOVEVA

É porque tu almoças na nossa companhia.

HENRIQUETA (*admirada*)

Por tão pouco? Que sou eu para...?

GENOVEVA (*interrompendo*)

Minha filha, falemos como duas boas amigas... que somos. Tens-te tornado digna da nossa admiração e da nossa grande estima.

HENRIQUETA

Só porque cumpro o meu dever, e procuro corresponder aos benefícios que me fazem e à confiança e carinho que me dispensam?

GENOVEVA

Mais do que confiança, mais do que estima, tens feito brotar no espírito, e porque não dizer no coração de meu filho, a flor da esperança, cujo fruto seria a felicidade, que ele julgava perdida para sempre.

HENRIQUETA

Confesso-lhe Dona Genoveva, que tudo isso é para mim é uma revelação. Compreendo perfeitamente o que envolve as suas palavras; mas creio que a senhora está inteiramente enganada.

GENOVEVA

Como? Se há pouco verifiquei de um modo preciso o que acabo de dizer? (*Henriqueta chora*) Por que choras? Causaram-te pena as minhas palavras?

HENRIQUETA (*lacrimosa*)

Não, senhora! Grande surpresa! Grande emoção! Habituada ao trabalho para viver, afirmo-lhe Dona Genoveva, que jamais me passou pela imaginação a ideia de partilhar a minha existência com outrem.

GENOVEVA

Sei, minha filha. Sei que o teu único desejo é retribuir o bem que recebes; o que, entre tanto, não impediu que as tuas qualidades, a tua virtude e a tua beleza, provocassem aquele sentimento independentemente da tua vontade. Estou convencida de que no dia em que Carlos casar a filha será o homem mais feliz se tu o aceitares por marido.

HENRIQUETA (*muito emocionada*)

Dona Genoveva!

GENOVEVA

Que pensas?

HENRIQUETA (*abraçando-a com transporte*)

Minha mãe!

GENOVEVA (*radiante, levanta-se vai à janela. Voltando*)

Vamos dar o nosso passeio.

(*Saem as duas de braços. Pouco depois entram por outra porta Colatino e Bonifácia*)

CENA IX

Colatino e Bonifácia.

COLATINO

Tenha a bondade de entrar e sentar-se.

BONIFÁCIA

Não sabes onde foi meu primo?

COLATINO

Ele quando sai não me diz aonde vai. Deve ter ido a algum lugar...

BONIFÁCIA

Olha, Colatino. Não quero brincadeiras.

COLATINO

Perdoe-me Dona Bonifácia. Não estou brincando. Estou falando muito sério. Quando o patrão sai para passear vai sempre acompanhado...

BONIFÁCIA

Já sei, pela Gerente...

COLATINO

Não, senhora, pela Dona Genoveva, e essa pela Gerente. Agora, quando ele sai só, vai sempre a algum lugar... (*Bonifácia o encara com severidade*)... a negócio.

BONIFÁCIA

E o Doutor Valente Maia tem aparecido? Desejo tanto conhecê-lo...

COLATINO

Não, senhora. Deu o fora depois do pega que teve com a gerente, que não admite graças.

BONIFÁCIA

A sonsa. O que quer ela de melhor? Um médico moço...

COLATINO (*interrompendo*)

Moço é que ele não é... Demais não creio que o doutor quisesse casar. Ele só queria divertir-se com a moça. A moça é séria.

BONIFÁCIA (*à parte*)

Será? (*Mudando de tom*) Sabes que estou resolvida a aceitar o oferecimento do Doutor meu primo? Custa-me mas não há remédio.

COLATINO

Não sei de coisa alguma.

BONIFÁCIA

Também ignoras tudo! Fui convidada para dirigir o pessoal da casa de saúde do doutor Valente.

COLATINO

Ah! Agora compreendo. O patrão emprestou uns cobres ao doutor, com a condição...

BONIFÁCIA (*interrompendo*)

De ser eu a gerente da casa de saúde.

COLATINO

Mas a senhora não aguenta aquele trabalho. É muito pra uma pessoa da sua idade.

BONIFÁCIA

Atrevido! Quem lhe perguntou pela minha idade?

COLATINO

Ninguém. Logo se vê...

BONIFÁCIA

Retire-se. Vá trabalhar. (*Colatino vai sair, mas encontra-se com o doutor Valente*)

CENA X

COLATINO

O senhor pode entrar. Está aqui também uma senhorita esperando por ele.

(Colatino sai. Valente entra muito alegre e demonstra decepção ao ver Bonifácia)

VALENTE *(vendo Bonifácia)*

Perdão, minha senhora. Disseram-me que estava aqui uma senhorita...

BONIFÁCIA *(despeitada)*

Pilhéria de mau gosto desse empregado. Em todo caso se não é uma senhorita é uma senhora viúva com quem o senhor terá que travar conhecimento.

VALENTE

Se vossa excelência quiser dizer-me a quem tenho a honra de falar.

BONIFÁCIA *(com ligeira arrogância)*

Bonifácia Gama.

VALENTE

Prima do meu amigo Silvério Gama?

BONIFÁCIA

Justamente!

VALENTE

Creia que tenho grande prazer em fazer o conhecimento de vossa excelência. Não pode ser mais feliz o acaso que me proporcionou tal encontro!

BONIFÁCIA

Igualmente feliz para mim. Pois, como deve saber, sou a pessoa sobre quem meu primo lhe falou para dirigir o seu magnífico estabelecimento.

VALENTE

Sei! Sei! Espero que nos entendamos perfeitamente.

BONIFÁCIA

E eu também. (*Mudando de tom*) doutor é solteiro?

VALENTE

Solteirão... Nunca encontrei quem quisesse casar comigo.

BONIFÁCIA (*sorrindo*)

Não seja desanimado. Quem sabe se não há de encontrar. (*À parte*) Isso fica por minha conta. (*Alto*) Quando espera inaugurar a sua casa?

VALENTE

Ainda não sei. Preciso de cinco contos para terminar a instalação. Não sei se conseguirei arranjá-los com o senhor seu primo.

BONIFÁCIA

Por que não havemos de arranjar? Conte comigo? O Carlos é um parente às direitas! Não me nega coisa alguma e...

VALENTE (*muito satisfeito*)

Eu não desejava incomodar vossa excelência

BONIFÁCIA

Incômodo nenhum. Deixe o caso por minha conta. Logo que o Carlos voltar eu me entenderei com ele.

VALENTE

Acha então desnecessária a minha presença?

BONIFÁCIA

Penso que será melhor aguardar a minha resposta. Para onde devo dirigi-la?

VALENTE

Para a Rua do Catete, número 892.

BONIFÁCIA

Rua do Catete, conheço o muito! Vá descansado. Advogarei sua causa.

VALENTE (*cumprimentando-a alegremente*)

Vossa excelência é encantadora. (*Sai*)

BONIFÁCIA (*só*)

Encantadora! Eu, encantadora! (*Pausa*) Já estou cansada de ser viúva, (*indo ao espelho*) Senhora Valente Vaz! Não quero ser gerente, quero ser dona!

CENA XI

Bonifácia e Silvério.

SILVÉRIO

Bom dia prima Boni... Já sei que temos novidade...

BONIFÁCIA (*abraçando-o*)

Como vais, primo Carlos? Tia Genoveva passa bem?

SILVÉRIO

Muito bem, graças a Deus.

BONIFÁCIA

Certamente, encontrastes o doutor Valente...

SILVÉRIO

Encontrei-o na escada. Disse-me que te incumbiu de uma comissão para mim.

BONIFÁCIA

É exato, e espero ser feliz. Trata-se do meu futuro.

SILVÉRIO

Julgava que era do teu presente.

BONIFÁCIA

Esse já está garantindo bondosamente...

SILVÉRIO

Vem. Vamos lá para cima, e enquanto servirem o almoço, conversaremos à vontade.

CENA XII

Os mesmos, Genoveva e Henriqueta.

GENOVEVA *(para Silvério)*

Demoramos muito? *(Vendo Bonifácia)* Oh, Bonifácia? Que milagre foi esse?

BONIFÁCIA *(abraçando Genoveva)*

Como vai, prima Genoveva? Não é milagre. Ou talvez seja mesmo um em perspectiva. Venho tratar de altos negócios. Parece-me que desta vez era um dia a triste viuvez.

GENOVEVA

Então temos mouro na costa?

BONIFÁCIA *(olhando para Henriqueta)*

O que é bom toca a todos.

SILVÉRIO

Esta prima sempre com meias palavras...

BONIFÁCIA *(para Henriqueta)*

Nós nos entendemos. Não é Henriqueta?

HENRIQUETA

Bom dia, Dona Bonifácia... Não sei do que se trata.

SILVÉRIO

Vamos subir. Prima Boni, almoças conosco.

BONIFÁCIA

Aceito com prazer o teu convite.

(Vão saindo os dois)

HENRIQUETA *(para Genoveva)*

A senhora me permite que eu termine um serviço urgente.

GENOVEVA

Pois não. Até já. *(Sai)*

CENA XIII

Henriqueta, Jovita e logo após, Renato.

(Henriqueta vai à secretária e procura uns papéis, nessa ocasião entra Jovita)

JOVITA

Dona Henriqueta a correspondência da manhã está pronta. Podemos ir almoçar?

HENRIQUETA

Podem. Já vou assinar.

JOVITA

Está na sala um moço há mais de meia hora...

HENRIQUETA

Que quer ele?

JOVITA

Não disse nada. Tem uma carta na mão. Parece que é surdo-mudo...

HENRIQUETA (*penalizada*)

Vai buscá-lo. Talvez seja para assinar uma subscrição.

JOVITA

Vou trazê-lo pela mão. (*Sai e logo depois entra conduzindo Renato pela mão*) Eis o moço,

HENRIQUETA

Conduza-o aqui. (*Jovita obedece. Henriqueta depois de observar cuidadosamente Renato volta-se para Jovita*) Será mesmo o que disseste? Vejamos. (*Para Renato*) a quem procura? (*Renato entrega a carta. Henriqueta lê o subscrito*) Senhor coronel Carlos S. Gama. (*Para Renato*) Quem a remete?

RENATO

Meu pai.

HENRIQUETA

Quem é o senhor seu pai?

RENATO

Coronel Praxedes Vaz.

HENRIQUETA

Ah! Já sei de que se trata. (*Para Jovita*) Pode ir almoçar. (*Para Renato*) Tenha a bondade de sentar. (*Renato senta-se. Henriqueta abre a carta e lê*) Não é o assunto que eu supunha. (*Renato impassível*) por aqui se vê que o senhor seu pai obteve uma colocação para o senhor nesse escritório sob a minha gerência. (*Estas palavras são batidas ara causarem efeito. Renato continua impassível*) Simpatizo muito com o senhor Praxedes e farei o possível para guiar o filho na carreira que deseja seguir... (*Pausa*) estou certa de que em pouco tempo o senhor

poderá também dirigir uma casa de comércio. (*Renato sorri ironicamente*) Certamente ama o trabalho...

RENATO

Não.

HENRIQUETA

Oh! É pena. Entretanto é necessário satisfazer os desejos do senhor seu pai... Diga-me. Que conhece do comércio?

RENATO

Nada!

HENRIQUETA

Da escrituração mercantil?

RENATO

Nada!

HENRIQUETA

Tem prática de datilografia?

RENATO

Nenhuma!

HENRIQUETA (*ligeiramente irritada*)

Sabe ler e escrever?

RENATO

Errado!

HENRIQUETA

O senhor está gracejando! As informações a seu respeito prestadas nesta carta, estão em perfeito desacordo com as suas respostas... (*Renato sempre impassível*) Finalmente... O senhor tem horror ao trabalho?

RENATO

Tenho.

HENRIQUETA

Creio que não poderemos chegar a um resultado! O senhor não quer falar. (*Renato impassível*) Vamos lá: O senhor está na presença de uma pessoa que também é caprichosa, mas em termos. Sem tenacidade, sem força de vontade, não se vence na vida. O senhor vai ter a paciência de vir aqui diariamente durante dois meses. As horas de trabalho: das nove ao meio dia e das duas às seis. Está ouvindo?

RENATO

Estou!

HENRIQUETA

Se no fim desse prazo não tivermos chegado a um resultado, serei a primeira a solicitar de seu respeitável pai, outra direção para a sua vida. Ouviu?

RENATO

Ouvi!

HENRIQUETA

Durante esses dois meses o que pretende fazer?

RENATO

Nada!

HENRIQUETA

Entretanto será necessário fazer alguma coisa. Que prefere? Aprender comigo um pouco de escrituração mercantil, estenografia ou cálculo de juros?

RENATO

Copiar na prensa.

HENRIQUETA

Muito bem. Já conseguimos alguma coisa. O senhor será o copista da casa. Previno-lhe que terá bastante trabalho; assim o tempo passará rapidamente... (*Renato impassível*) Está finda a nossa conferência. Amanhã esteja aqui às nove horas. (*Renato olha demoradamente para Henriqueta, que se sente obrigada a desviar o olhar*) Pode retirar-se. (*Renato levanta-se e vai sair sem cumprimentar*) Faz favor, senhor... (*Olhando a carta*) Renato... (*Renato volta-se*) Faz parte da disciplina desta casa, e da educação em geral, cumprimentar as pessoas, principalmente as senhoras. Entende?

RENATO

Entendo.

HENRIQUETA

Pode ir. (*Renato faz um cumprimento ligeiramente cômico, e vai sair pela porta da direita quando Silvério entra pela da esquerda*) Senhor Renato... (*Renato volta-se novamente para Henriqueta, que se dirige a Silvério*) É o filho do Coronel Praxedes...

SILVÉRIO

O Renato? (*Para Renato*) Oh, Renato!... Não me conheces mais? (*Renato cumprimento com a cabeça*) Então?

HENRIQUETA (*para Renato*)

É o nosso chefe. O senhor Silvério Gama. (*Renato continua impassível*)

SILVÉRIO

Na verdade há mais de dez anos que não nos vemos; venha de lá esse abraço!...

HENRIQUETA

Abrace o amigo do senhor seu pai... (*Renato abraça automaticamente*)

SILVÉRIO

Que terá ele?

HENRIQUETA (*para Silvério*)

É um caso a estudar. (*Para Renato*) Não tem uma palavra para dizer ao Senhor Silvério?

RENATO

Não

SILVÉRIO (*penalizado*)

Coitado! Era um menino tão esperto, tão inteligente! Que pena!

HENRIQUETA

Bem! Uma vez que nada tem a dizer, pode retirar-se. Até amanhã.

(*Renato cumprimenta levemente os dois e sai*)

CENA XIV

Silvério e Henriqueta.

SILVÉRIO

Coitado, é um caso perdido!

HENRIQUETA (*meditando*)

Quem sabe?

SILVÉRIO (*alegremente*)

Vamos almoçar!

ATO II

CENA I

Cenário: sala do Escritório em que trabalham Henriqueta, Colatino e Jovita. Arranjo comum dos escritórios de casas de comércio. A mesa de Henriqueta está colocada do lado esquerdo da cena. Ao fundo, no centro a prensa; de um lado um cofre, e de outro, um armário. Ao lado direito da cena, duas

*mesas. Mapas pela parede. Portas laterais, etc. João da Mata (entrando)
Colatino e Jovita (nas respectivas mesas).*

JOÃO (*entrando*)

Muita boas tardes, meu povo.

JOVITA (*cessando de escrever*)

Seja bem vindo, seu João da Mata...

COLATINO

Chegou a propósito. Tenho um recado da gerente para o senhor.

JOÃO

Ela não veio hoje?

JOVITA

Veio até muito cedo. Está lá em cima almoçando com a família do chefe. Pois não sabe que chegou hoje a senhorita Suzana? (*João da mata interroga com a cabeça*) A filha do senhor Silvério. Veio do colégio. Está uma moça bonita.

JOÃO

Não sabia de nada. (*Para Colatino*) Que recado você tem para mim?

COLATINO (*depois de ler um papel que está sobre a mesa*)

Ei-lo aqui. Comprar até mil ações da companhia de tecidos. Algodoeira para o Coronel Praxedes. Vender quantas puder, as ações do Banco Restaurador, com muito cuidado para não precipitar a baixa.

JOÃO

Ah! Que moça de tino! Tivemos a mesma ideia sobre esse banco, embora haja quem diga que ali estão preparando um grande arranjo com o governo. Mas, não há perigo. Ela tem muito talento.

JOVITA

Só não teve ainda para desembuchar o Renato.

COLATINO

Porque ele é mais esperto do que ela.

JOÃO

Como vai ele?

JOVITA

Na mesma. Há dois meses não sai do sim, não, vou, fico... Ora bolas! Só mesmo a paciência da gerente, que ainda assim já não o pode aturar.

JOÃO

Por que conservam essa inutilidade aqui, quando há tanto moço preparado e inteligente precisando de emprego?

COLATINO

O caso é simples: o Renato é filho do Praxedes, que por sua vez, é padrinho da senhorita Suzana. Ora, o chefe quis servir ao compadre, dando ao rapaz um emprego de trezentos mil réis mensais, para ele nada fazer, a não ser borrar o copiador todos os dias.

JOÃO

Ele recebe o cobre?

JOVITA

Se recebe!... E só entrega o recibo depois de contar nota por nota.

JOÃO

Então é idiota.

COLATINO

Idiotas somos nós... Ele é um grande malandro! Ultimamente só chega aqui depois das três horas.

JOVITA

Ouvi a gerente dizer ao chefe que vai despedi-lo hoje, por ser a data em que termina o prazo marcado para tentar fazer dele alguma coisa.

JOÃO

Então ela já não o suporta?

JOVITA

Não. Há quase um mês já não tem a mesma paciência que tinha nos primeiros tempos. Até nós pagamos. Está sempre irritada; a dar ordens e contraordens. Deus queira que ele se vá quanto antes, para voltarmos à nossa paz.

JOÃO

Basta de prosa, Colatino. Você vem comigo. *(Para Jovita)* diga à Gerente que levo o Colatino para trazer uns conhecimentos que estão no meu escritório. E com esta, passe bem. *(Vai Sair)*

JOVITA

Adeus, ingrato. Quando apareces?

JOÃO

Homem, essa! Não faço outra coisa senão vir aqui diariamente...

JOVITA

É como se não viesses. Nem olhas para mim!...

JOÃO

Está bem. De hoje em diante olharei para ti todos os dias. Adeus queixumes! *(Aperta-lhe a mão e sai; Jovita recomeça a trabalhar na máquina)*

CENA II

Jovita e logo após Valente e Bonifácia

BONIFÁCIA

Só? Onde estão esses empregados? Que é da gerente?

JOVITA

O Colatino saiu a serviço da casa. O Renato ainda cá não veio hoje, e a gerente está lá em cima almoçando. A senhorita Suzana chegou hoje.

BONIFÁCIA

Que me diz? A Suzaninha está aí? Chegou bem?

JOVITA

Creio que sim... ainda não a vi.

BONIFÁCIA

Vou vê-la. *(Para Valente)* Espera-me aqui Valente...

VALENTE *(baixo para Bonifácio)*

Veja que não estamos sós, D. Bonifácia.

BONIFÁCIA *(mais alto)*

Doutor, tenha a bondade de esperar-me um pouco. *(Sai rindo-se)*

CENA III

Jovita e Valente.

JOVITA

Bravo! Bem se vê que D. Bonifácia não perde tempo.

VALENTE

Que quer? É prima do meu prestimoso amigo a quem já devo tanto... Preciso contemporizar... além de que ela está me auxiliando muito... junto ao Silvério.

JOVITA

São histórias! Ela não tem coragem de falar ao primo sobre negócios. E fique sabendo que ele não lhe empres...

CENA IV

Os mesmos e Henriqueta (fisionomia alegre e viva).

HENRIQUETA (*entrando*)

Boa tarde, Doutor Vaz.

VALENTE

Minha senhora.

HENRIQUETA (*senta-se à secretária e procurando papéis*)

Certamente o doutor deseja falar ao Doutor Silvério. O dia não é o mais próprio. A filha que estava no colégio, chegou hoje, de modo que será pouco provável que ele venha ao escritório; pelo menos não descerá já.

VALENTE

Penso que o negócio que me traz aqui hoje poderá ser tratado com a senhora.

HENRIQUETA

Se for coisa que eu possa resolver, estou às suas ordens.

VALENTE

Creio que pode.

HENRIQUETA (*dando umas cartas a Jovita*)

Mande esta correspondência para o correio. (*Jovita sai*)

CENA V

Valente e Henriqueta.

VALENTE (*sentando-se*)

Dona Henriqueta, a senhora não ignora que o senhor Silvério me tem adiantado aos poucos um pequeno capital, para eu concluir a instalação da minha casa de saúde.

HENRIQUETA

Sei mesmo que o seu débito aqui já monta a doze contos, aliás em ótimas condições para o senhor.

VALENTE (*intencionalmente*)

De fato, não são más... devido em parte aos bons ofícios da D. Bonifácia.

HENRIQUETA

Não quero deixá-lo por mais tempo nessa ilusão! D. Bonifácia, tudo que tem alcançado do Senhor Silvério, nesse negócio, é o cargo de diretora dos serviços domésticos da sua casa. (*Mudando de tom*) Mas isso não tem importância. Vamos ao caso que o traz aqui.

VALENTE

Preciso ainda de cinco contos de réis para terminar a instalação, e venho apelar, ainda uma vez, para a generosidade do seu chefe; e, à vista do que acaba de dizer-me, se o meu pedido for patrocinado pela senhora, estou certo de que serei atendido.

HENRIQUETA

Doutor. Não tenho, infelizmente, uma boa resposta. O meu dever é zelar pelos interesses da casa, que me estão confiados. Já cedi por mais de uma vez aos rogos de D. Bonifácia. Nada, porém, poderei fazer agora, sem ouvir o senhor Silvério.

VALENTE

Peço-lhe apenas ter em consideração que se eu não obtiver aquela quantia, o meu prejuízo e o da casa que a senhora dirige serão totais.

HENRIQUETA

Que quer? O seu débito já é muito grande. As garantias que o senhor oferece não o cobrem nem na metade.

VALENTE (*irritado*)

À vista disso, só me resta bater noutra porta.

HENRIQUETA

Faz bem.

VALENTE

Fique, porém, certa de que se eu instalar a minha casa de saúde, mantereí o meu compromisso de confiar a Dona Bonifácia, a administração interna. No caso contrário, não pouparei esforços para honrar a minha firma. (*Levanta-se, cumprimenta ligeiramente com a cabeça e vai para sair*)

HENRIQUETA

Assim procedem os homens de bem. (*Valente sai*)

CENA VI

Henriqueta, Genoveva e Suzana.

SILVÉRIO (*para Suzana*)

Aqui trabalha a nossa gerente.

SUZANA (*caminhando para Henriqueta*)

Não perdes tempo Henriqueta...

GENOVEVA

Trabalha por dois homens. É incansável.

SILVÉRIO

Mamãe diz bem. Dois homens inteligentes e ativos!

HENRIQUETA

Por favor. Nada mais faço do que corresponder à confiança que me dispensa o Senhor Silvério.

GENOVEVA

Confiança que inspiraste a nós todos, Henriqueta. Eu disse a verdade. Tu és incansável. Levas-me a passeio, depois do trabalho, e quando voltas para casa estudas o teu piano.

SUZANA

Que bom. Havemos de tocar a quatro mãos.

HENRIQUETA

O que eu toco não se pode ouvir...

SUZANA (*irônica*)

Eu que o diga. (*Outro tom*) Onde estão os teus empregados?

HENRIQUETA

Nesta sala somos apenas quatro. Eu, Jovita (*indica Jovita que vem entrando, e cumprimenta Suzana e vai sentar-se à sua mesa*). O Colatino... (*Para Jovita*) Ele ainda não veio?

JOVITA

Saiu a serviço, com o seu João da Mata.

HENRIQUETA (*indicando a prensa de copiar*)

Ali trabalha o senhor Renato.

SUZANA (*alegremente*)

Ah! Ele também trabalha nesta sala? (*Pequena Pausa*) Há quantos anos não nos vemos. Deve estar muito alto.

GENOVEVA

Alto e bonito; mas, minha filha, teu novinho daqueles tempos já não é o mesmo.

SILVÉRIO (*para Henriqueta*)

Quando eles eram crianças, eu e o compadre projetamos o casamento dos dois.

SUZANA

É verdade. Eu ficava muito contente e fingia-me zangada. (*Para Genoveva*) Por que Renato já não é o mesmo?

SILVÉRIO

Pergunta a Henriqueta. Ela te contará melhor do que nós. (*Outro tom*) Agora também vou trabalhar um pouco. (*Para Henriqueta*) Há alguma novidade?

HENRIQUETA

O doutor Valente veio pedir mais cinco contos para concluir a sua casa de saúde. Achei prudente negar-lhe. Já lá estão doze contos...

SILVÉRIO

Fez muito bem. Isto aqui não é torneira.

CENA VII

Os mesmos e Bonifácia.

BONIFÁCIA

O doutor Valente já não está?

HENRIQUETA

Não, senhora. Saiu há pouco.

BONIFÁCIA (*risonha*)

Então, muito obrigada. Estou certa que o serviu.

HENRIQUETA

Desta vez não.

BONIFÁCIA

Por quê?

HENRIQUETA

Por motivos de ordem comercial.

SILVÉRIO

Não te aflijas, prima. Arranjaremos outra colocação que te convenha.

BONIFÁCIA (*desolada*)

Oh, não! Só me serve aquela. Se vocês soubessem os planos, os castelos que nos fazíamos. A benção da casa pelo frei Anselmo. A seguir, um belo discurso pelo doutor Vaz; finalmente um lanche fornecido pela casa Colombo. No dia se...

SILVÉRIO (*interrompendo*)

Basta, basta. Tudo isso está muito bonito; mas não com o meu cobre.

BONIFÁCIA

E o resto? E o seu futuro? Em pouco tempo eu seria mais que gerente. Seria...

SILVÉRIO

Não te iludas, prima... A promoção não viria.

BONIFÁCIA

Não me posso conformar. Vou procurá-lo. Vou auxiliá-lo, já que o abandonaram. Até logo. Isto não pode ficar assim. (*Sai*)

CENA VIII

Os mesmos, menos Bonifácia.

SILVÉRIO

Minha prima teria perdido o juízo?

GENOVEVA (*tomando-lhe o braço e saindo*)

Não, meu filho, perdeu o coração. (*Saem*)

CENA IX

Henriqueta, Suzana e Jovita (escrevendo na máquina).

HENRIQUETA

O Renato ainda não apareceu hoje?

JOVITA

Não, senhora.

HENRIQUETA (*para Suzana*)

O teu noivo é um fenômeno.

SUZANA

Conta-me o que há.

HENRIQUETA (*sentando-se ao lado uma da outra*)

Francamente, Suzana, é difícil. Ainda não pude formar uma opinião definida sobre ele. Fiz várias experiências, desenvolvi planos para compreendê-lo e nada consegui. Já está aqui há dois meses e nunca pronunciou por dia mais de dez palavras destacadas. Às vezes, creio estar na presença de um homem superior e logo após me convenço que é apenas um espertalhão. O seu trabalho consiste em copiar cartas na prensa. Para cada uma erra três cópias. É um caso obscuro...

SUZANA (*tristemente*)

Então o pobre está maluco. Coitado. Não compreendo como o suportas há tanto tempo.

HENRIQUETA

Eu te explico. Teu padrinho, antes de partir pediu-me, encarecidamente, que tivesse paciência com o filho, moço inteligente e preparado, porém caprichoso e cheio de fantasia.

SUZANA

Não imaginas como tudo isso me entristece. Confesso-te, Henriqueta, desde criança gosto muito dele. Nunca deixei de pedir a

Deus, nas minhas orações que um dia nos unisse para sempre. Foi um longo sonho que se esvaiu... (*Chora*)

HENRIQUE

Não chores. Tudo passa. Logo que estejas com ele, assistirás com satisfação, a morte natural do teu amor de criança.

SUZANA

Achas que não haverá cura?

HENRIQUE

Talvez... Conviria que o coronel o recolhesse a uma casa de saúde. Tanto mais que ele deve ser despedido hoje da casa.

SUZANA

Logo hoje? No dia da minha chegada?

HENRIQUE

Ele deixará de vir apenas como empregado e não como amigo. Estamos esperando o coronel para tomar uma resolução sobre o filho.

SUZANA

Era uma vez o meu noivo.

HENRIQUE

Nas condições em que ele está, não passa de um boneco que pra nada.

SUZANA

Henriqueta, estou muito nervosa. Vem comigo ao meu quarto. Quero chorar à vontade.

HENRIQUE

O que convém é que o vejas quanto antes para perderes a ilusão.

SUZANA

Ele é bonito?

HENRIQUE

Não é feio; mas traz o queixo caído como os imbecis. (*Tomando a pela cintura*) Vamos. (*Saem*)

CENA X

Jovita, e logo depois Renato.

JOVITA

É verdade. Que amor mal empregado! (*Pausa*) Tão bonitinha. (*Renato, entrando, cumprimenta ligeiramente, e dirige-se para a prensa. Jovita, para ele*) Bons olhos o vejam. Como vai ser despedido hoje, não veio trabalhar. Fez muito bem. (*Pausa*) Mas veio buscar o cobre, hein? (*Pausa*) Se você tivesse chegado um pouco mais cedo, teria visto a sua noiva... (*Renato deixa o trabalho e procura ouvir sem se afastar do lugar*) Interessa-lhe a notícia? (*Pausa*) A filha do chefe... A Suzana... Chegou do colégio...

RENATO (*olhando-a friamente*)

Fala.

JOVITA

Ah! Interessa-lhe o assunto. (*Pausa*) Ela já esteve aqui com a gerente. Coitada. Quando a gerente lhe disse que você era um caso perdido, a moça caiu num pranto de meter dó.

RENATO (*aproxima-se imperativo*)

Continua.

JOVITA

A Henriqueta contou à moça o seu procedimento e terminou aconselhando-a que não gastasse as lágrimas por sua causa.

RENATO (*sempre imperativo*)

O resto...

JOVITA (*intimidada*)

Disse-lhe que quando ela vir você perderá toda a ilusão.

RENATO

Só?

JOVITA

A senhorita Suzana perguntou se você era bonito.

RENATO

Vamos.

JOVITA (*tímida*)

Vamos o quê?

RENATO

À Resposta...

JOVITA (*trêmula*)

Ah, sim... A gerente respondeu que não era feio... mas tinha o queixo caído como os imbecis... (*Renato dá um murro na mesa. Jovita afasta-se apavorada*) Olá! Virou valente? (*À parte*) Se ele tiver agora uma acesso é capaz de estrangular-me...

RENATO (*imperioso*)

Sai!!!

JOVITA

É isso que quero. (*Vai saindo, receosa de ser perseguida por ele, que se conserva impassível*)

CENA XI

Renato vai a uma mesa, senta-se, escreve num pedaço de papel. Tira outro do bolso, que prega ao outro, com um alfinete. Guarda-os no bolso e vai

trabalhar na prensa. Entra Henriqueta e vai sentar-se à sua secretária. Renato volta-se para ela e a cumprimenta ligeiramente.

CENA XII

Renato e Henriqueta.

HENRIQUETA

Até que enfim... chega ao escritório na hora de sair... Quantas cartas já copiou hoje?

RENATO

Nenhuma.

HENRIQUETA

Então ganhou bem o dia. Felizmente para nós, o principalmente para mim, está terminado o prazo que combinamos. Em dois meses os meus esforços não produziram o menor resultado. Você de fato, sai vitorioso porque é um doente. O seu lugar não é aqui e sim numa casa de saúde... Boa ideia... o doutor Valente vai inaugurar uma, tendo por enfermeira Dona Bonifácia. Talvez ela consiga pô-lo bom... Está ouvindo?

RENATO

Estou.

HENRIQUE

Não lhe interessa saber quem chegou hoje do colégio? (*Renato impassível*) Suzana. (*Pausa*) Lembra-se dela? (*Idem*) Sua noiva... (*Idem, irritada*) Oh! Basta... Traz o recibo do mês?

RENATO

Trago.

HENRIQUE

Dê-mo.

(Renato dirige-se à mesa de Henriqueta tira os papéis do bolso e fica impassível quando ela estende a mão para receber)

RENATO

Pague.

HENRIQUE *(rindo-se)*

Bem se vê que você sofre da bola. Então supõe que eu vou guardar o recibo sem lhe pagar o trabalho... que não produziu? *(Pausa. Henriqueta tira do cofre dinheiro que conta e entrega a Renato. Este, depois de verificar, entrega os papéis. Henriqueta lê o primeiro. Passando a ler o segundo, vai revelando espanto. Terminada a leitura, olha para Renato com expressão interrogativa. Torna a ler o papel. Finalmente, encarando-o com altivez)* Que quer dizer isso?

RENATO *(impassível)*

Tudo.

HENRIQUE

Onde encontrou esta tolice?

RENATO *(apontando para a cabeça)*

Aqui.

HENRIQUE

Que pretende com isso?

RENATO

Um beijo.

HENRIQUE *(indignada)*

Insolente!

RENATO *(imperturbável)*

Baixo!

HENRIQUE

É mais imbecil do que eu suponha.

RENATO

Cale-se ou tapo-lhe a boca.

HENRIQUE

Como?

RENATO

Assim. (Toma Henriqueta de assalto, pela cintura, e cola os lábios aos dela durante algum tempo. A princípio, ela procura desprender-se; mas a seguir vai se deixando dominar pela carícia de Renato. Este, supondo que ela está desmaiando, procura sentá-la na secretária. Henriqueta, com os cotovelos na secretária, esconde o rosto com as mãos. O espectador sente que ela chora silenciosamente. Renato mostra-se consternado; passa as mãos pelos cabelos. Aproxima-se de Henriqueta... tenta tocar-lhe, mas não ousa. Fala comovido) Henriqueta, não me queiras mal. Que vale uma imbelicidade a mais? Juro-te, foi a minha última loucura! Estou curado, porque sinto o arrependimento. Nos primeiros tempos adotastes um plano que te daria a vitória se perdurasse um pouco mais. Mudaste de tática. Tinhas que perder a partida. A paciência, a solitude, o carinho eram as tuas melhores armas. Resolveste substituí-las pela ironia, a humilhação, a aspereza de trato e tudo isso me fez vir ao espírito da ideia de vingança. Concebi o plano que acabo de executar. Pois bem, estou arrependido. Não porque com o meu gesto audacioso tenta impregnado nos teus lábios um átomo de impureza, uma vez que as delícias de uma vingança ridícula haviam saturado por completo o meu espírito; mas porque quando eu procurava humilhar-te, diminuir-te a meus olhos, vi que te elevavas como um anjo de asas diáfanas, aniquilando a minha audácia com a tua candura. Quando esperava ouvir de tua boca, com voz rancorosa, doestos e epítetos em turbilhões, senti que as tuas lágrimas silenciosas apagavam de súbito as chamas de minha ira há tanto tempo concentradas. Quis ser o vencedor e sou o vencido. Ainda uma vez, Henriqueta, peço-te perdão. *(Vai ajoelhar-se para tomar-lhe a mão. Ouve-se rumor. Renato levanta-se. Henriqueta conserva-se na mesma posição)*

CENA XIII

Os mesmos e João da Mata.

JOÃO (*entrando*)
Dona Henriqueta...

RENATO (*tomando-o pela mão*)
Que há?

JOÃO (*admirado*)
Hein?... O senhor já faz perguntas?

RENATO
A gerente teve um ligeiro incômodo... Deixa-a tranquila. Diga-me de que se trata.

JOÃO (*sempre admirado*)
Estarei sonhando?... O senhor é o Renato?

RENATO
Vamos. Que deseja da gerente?

JOÃO
Recebi ordens para comprar mil ações da companhia...

RENATO (*interrompendo*)
Algodoeira... Adiante...

JOÃO
Ué... É isso mesmo... e...

RENATO (*imperativo*)
Não compre. Ao contrário, venda todas. Sei que a situação da companhia é má.

JOÃO

Se a gerente não concordar com a sua opinião?

RENATO

Nada receie. As ações pertencem a meu pai. Assumo a responsabilidade.

JOÃO

Bem, bem. Sendo assim, vou cumprir as suas ordens. (*Vai sair*)

RENATO

João da Mata...

JOÃO (*voltando-se*)

Pronto. (*À parte*) Estarei sonhando?

RENATO

Com o dinheiro que apurar nas ações da Algodoeira, compre as do Banco Restaurador.

JOÃO

Mas a gerente deu-me ordem de vender o maior número que pudesse, e quatrocentas já lá se foram.

RENATO

Pois veja se pode adquiri-las de novo. Vá... não demore.

JOÃO (*saindo*)

Até logo. (*À parte*) Qual... isso não está certo.

CENA XIV

Renato e Henriqueta.

RENATO (*dirigindo-se, solícito e carinhoso, para Henriqueta, que continua na mesma posição*)

Estou pondo em prática as suas boas lições, com a vantagem de poder frequentar a praça assiduamente. Soube hoje por um amigo que o Banco Restaurador fez um acordo com o Governo e as suas ações vão subir muito.

CENA XV

Os mesmos, Bonifácia e Valente.

VALENTE

D. Henriqueta...

RENATO (*com desembaraço*)

A gerente teve uma pequena vertigem... Está descansando um pouco... Que pretendem?

BONIFÁCIA

Homessa... (*Apontando para Henrique*) Que ela tem?

RENATO

Sentiu uma ligeira vertigem e está descansando a cabeça.

VALENTE (*admirado*)

Mas o senhor...

RENATO

Não se admire, doutor... O senhor é médico, e os médicos procuram explicar todos os fenômenos que se operam no organismo humano.

VALENTE

Tem razão. O senhor, em outros tempos, sofreu um choque, e ficou com certa parte do cérebro adormecida. Hoje, certamente, sofreu outro que a fez despertar.

RENATO (*sorrindo*)

É o caso... (*Outro tom*) Que desejam?

BONIFÁCIA

É... Mas parece-me que sou eu que estou adormecida e sonhando...
Qual... Aqui há coisa...

VALENTE

D. Bonifácia, não temos tempo a perder. (*Para Renato*) Viemos insistir com D. Henriqueta para emprestar-me ao menos três contos de réis, quantia de que preciso para concluir a instalação da minha casa de saúde.

RENATO

Visitei-a hoje pela manhã e trago a melhor impressão. Bem situada; quartos espaçosos e arejados; bela instalação hidroterápica; uma excelente sala de operações, obedecendo as exigências da cirurgia moderna. Por ali se vê que teremos à testa daquele estabelecimento um homem ativo e um cirurgião competente.

VALENTE

Muito obrigado, senhor...

RENATO

Renato Vaz.

VALENTE

Renato Vaz... Entretanto necessito ainda de...

RENATO (*interrompendo*)

Já sei. Conte com o dinheiro. Amanhã venha buscar o cheque...

VALENTE (*comovido*)

Oh! O senhor deu-me de pronto a felicidade! (*Apertam-se efusivamente a mão*) Muito e muito grato! Creia que não perderá seu dinheiro.

BONIFÁCIA

Ah, Renato!... São dívidas que não se pagam! (*Outro tom*) Que tem a gerente? Está dormindo?

VALENTE

Talvez seja uma perturbação de indigestão.

BONIFÁCIA

É isso mesmo. Notei que ela almoçou muito. (*Ouve-se rumor. Bonifácia para Valente*) Não percamos tempo, Doutor. Vamos as nossas compras.

VALENTE

Vamos. (*Para Renato, apertando-lhe a mão*) Bendito cheque que lhe restituiu a...

RENATO (*interrompendo*)

A razão...

VALENTE

Até amanhã, doutor. (*Aperta a mão de Bonifácia*) Seja feliz minha senhora.

BONIFÁCIA

Depois da sua generosidade o meu caso está resolvido. (*Saem*)

CENA XVI

Renato, Henriqueta e logo após Suzana.

(Henriqueta tira as mãos do rosto, tendo os olhos orvalhados de lágrimas. Vendo Suzana entrar, procura compor a fisionomia, e finge estar escrevendo. Suzana e Renato entreolham-se. Pouco a pouco vão reconhecendo. As fisionomias vão mudando de expressão. Caminham lentamente um para o outro e de repente, se abraçam com transporte)

SUZANA

Renato!

RENATO (*ao mesmo tempo*)

Suzana!

(Na mesma ocasião, Henriqueta enxuga furtivamente as lágrimas)

SUZANA

Lembras-te de mim? Fala, fala...

RENATO

Não, porque nunca me esqueci de ti.

SUZANA *(desprendendo-se de Renato. Olha muito admirada para Henriqueta)*

Mas... então... será possível?

HENRIQUETA *(timidamente)*

É realmente extraordinário... O senhor Renato mudou de um momento para outro.

RENATO *(para Suzana)*

Foi com a tua presença, Suzaninha. Quanto, há pouco, a gerente... senhorita Henriqueta me comunicou que havias chegado, senti alguma coisa que nem mesmo sei explicar.

SUZANA

Sério? Não imaginas como estou contente. Todos me haviam dito que era um... doente. Que não rias, não falavas...

RENATO *(interrompendo)*

Tudo passou, Suzana. Bastou a tua presença nesta casa para o meu mal desaparecer por completo. Não é esta a sua opinião d. Henriqueta?

HENRIQUETA *(tímida e triste)*

É... o senhor está perfeitamente bom.

SUZANA

Parece-me, entretanto que estás, triste, abatida...

HENRIQUETA (*procurando disfarçar a sua tristeza*)

Não é nada. Confesso que a rápida transformação do senhor Renato casou um ligeiro abalo, mas já passou... (*Levantando-se*) Agora preciso sair. (*Vai pôr chapéu*) Dentro de meia hora estarei de volta.

RENATO (*aproximando-se dela. Baixa*)

Está zangada comigo?

HENRIQUETA (*profundamente triste*)

Não. (*Vai beijar Suzana*) Até já.

SUZANA E HENRIQUETA

Até já.

CENA XVII

Suzana e Renato.

SUZANA

Vem sentar-te a meu lado. (*Renato obedece*) Sabes que sofri muito hoje por tua causa?

RENATO

Se pudesse avaliar quanto estou arrependido. O padrinho escreveu-me, há dois meses, comunicando que te havia empregado aqui. Imagina com que ansiedade eu contava os dias que faltavam para te ver. Chego radiante, e a primeira notícia que me deram foi que estavas...

RENATO

Idiota.

SUZANA

E que era um...

RENATO

Imbecil.

SUZANA (*espantada*)

Ah! não comeces com os teus... Oh! Será possível? E eu julgava que me havias esquecido.

RENATO

Não. Fica certa de que os primeiros sentimentos que desabrocham em nossa alma criam raízes profundas, e resistem, puros, imaculados, aos vendavais que encontramos na vida. Passado tudo isso, eles surgem mais belos, mais floridos. Minha Suzana, lembra-te da nossa despedida, na estação do Braz? Há dez anos...

SUZANA

Lembras-te tuas últimas palavras?

RENATO (*tomando-lhe as mãos e beijando*)

Adeus, minha noivinha.

CENA XVIII

Os mesmos Genoveva e Silvério

SILVÉRIO

OH! Estás, aí com o Renato? Já conseguiste algumas palavras dele?

SUZANA (*alegre*)

Discursos, papai!

SILVÉRIO

Como assim?

SUZANA

Ficou bem quando me viu.

GENOVEVA (*incrédula*)

Que estás dizendo, Suzana?!

SUZANA

Vovó duvida? Quer uma aposta?

SILVÉRIO

Aceito a aposta. Vamos, Renato, fala.

SUZANA (*interrompendo*)

Perdão, papai. Agora quem manda sou eu. (*Para Renato, apontando para Silvério*) Renato, quem é este?

RENATO

O senhor Silvério. (*Silvério e Genoveva riem-se*)

SUZANA (*apontando para Genoveva*)

E esta?

RENATO

D. Genoveva. (*Riso de Silvério e Genoveva*)

SUZANA (*desconfiada*)

Ainda gostas de mim?

RENATO

Gosto. (*Idem*)

SILVÉRIO (*procurando ridicularizar*)

Esperem. (*Para Renato*) Queres casar com ela?

RENATO

Quero.

SILVÉRIO (*para Suzana*)

Vês, minha filha? Perdeste a aposta e não pagas nada. Teu noivado de criança foi um sonho. Este pobre moço não tem cura. (*Suzana olha suplicante pra Renato*)

RENATO (*para Silvério, rapidamente*)

Quem lhe disse isso? Se eu provar que eu sou completamente equilibrado? Se jurar que no turbilhão de minha mocidade nunca esqueci a noivinha de São Paulo. Se, finalmente, declarar que estou disposto a trabalhar, a vencer na vida para merecer a mão de Suzana?

GENOVEVA (*assustadíssima*)

Meu Deus, coitado! (*Para Silvério*) Segura-o Carlos... Isto, com certeza, é um acesso.

SILVÉRIO (*nervoso*)

Espere, mamãe. (*Vai cautelosamente segurar Renato pelo braço*) Que é isso, Renato? (*À parte*) Será possível? (*Alto*) Sentes alguma coisa? Estás melhor?

RENATO (*risonho*)

Nunca estive mal. Sinto-me perfeitamente bem.

SUZANA

Já vê, papai, que não perdi a aposta.

GENOVEVA

Pois eu ainda estou em dúvida.

SUZANA

Vovó. Renato lhe convencerá em poucas palavras de que não sofre mal algum.

SILVÉRIO (*pensativo*)

Tenho curiosidade de desvendar esse mistério.

CENA XIX

Os mesmos e Henriqueta.

GENOVEVA (*vendo entrar Henriqueta*)

Sabes, Henriqueta? O Renato, com a presença de Suzana, recuperou a razão...

HENRIQUETA (*friamente*)
Já lhes dei os parabéns.

GENOVEVA
Como soubestes?

HENRIQUETA
Assisti... à cura...

TODOS (*menos Renato*)
Conta... conta... como foi? Como se deu?

HENRIQUETA (*gravemente*)
Tenho coisa de urgente e de grande importância que falar com o Senhor Silvério. Depois... então...

SUZANA (*alegremente*)
Bem, bem... Vamos nós para cima... (*Para Silvério e Henriqueta*)
Terminada a conferência vão tomar chá conosco. Para festejarmos o grande acontecimento.

GENOVEVA
Não demorem muito, que já são quase cinco horas.

(*Saem dos três*)

CENA XX

Silvério e Henriqueta.

HENRIQUETA
Senhor Silvério, serei breve no que tenho de lhe dizer. (*Sentam-se*)
Resolvi deixar hoje mesmo esta casa. Já não sou sua empregada.

SILVÉRIO (*consternado*)

Qual o motivo, Henriqueta? Que aconteceu? Tua resolução se prende ao caso de Renato?

HENRIQUETA

Completamente.

SILVÉRIO

Explica-te!

HENRIQUETA

Nunca acreditei que o senhor Renato fosse um doente e compreendi que ele representava uma comédia com o fim de ser despedido o quanto antes. O que, porém, ainda não havia descoberto era a sua inteligência, e o seu preparo. Só há pouco porém, ele se revelou aos meus olhos, um moço inteligente, preparado, com grande tino comercial, e finalmente conhecedor dos negócios de Bolsa. Nessas condições, julgo-o capaz de dirigir a sua casa, com...

SILVÉRIO (*interrompendo*)

Estás certamente exagerando...

HENRIQUETA

É a pura verdade. Há pouco resolveu admiravelmente dois negócios de importância; o que me convenceu de que a ele compete a direção dos negócios a meu cargo.

SILVÉRIO

Será possível? Como se deu esta transformação súbita?

HENRIQUETA (*timidamente*)

Não sei bem explicar... Devia despedi-lo hoje, como havíamos combinado. Paguei-lhe o mês vencido, momentos depois...

SILVÉRIO

Depois...

HENRIQUETA (*timidamente*)

Não sei bem explicar...Devia despedi-lo hoje, como havíamos homem falando e agindo com grande vivacidade e competência: atendendo uns, despachando outros. Reconheci de pronto que eu já não podia ocupar o meu cargo. (*Chora*)

SILVÉRIO

Henriqueta, também estou atordoado. Não te reconheço. Tu que és enérgica...

HENRIQUETA (*trêmula e lacrimosa*)

Ah! Mas a audácia de uns aniquila a energia de outros.

SILVÉRIO

Que queres dizer?

HENRIQUETA (*hesitante*)

Que a minha energia não é tão necessária ao comércio como a audácia do senhor Renato. A ele compete a gerência da casa...

SILVÉRIO

Ah! Não quero, Henriqueta! Tem paciência. Essas coisas não se resolvem assim. Vamos conciliar nossos interesses... Tu não deves abandonar os meus negócios por essa forma. Nem perder de um momento para outro, a tua colocação...

HENRIQUETA

Os seus negócios não ficam abandonados. O senhor Vaz já os conhece melhor do que eu. Quanto a mim, espero não ficar muito tempo sem trabalho. (*Levanta-se*)

SILVÉRIO (*profundamente comovido*)

É a tua última palavra? (*Henriqueta confirma com a cabeça*) poderias aceitar o cargo de minha secretária... lembra-se do desgosto que vai ter minha mãe. Eu também sofrerei muito, porque te...

HENRIQUETA (*impedindo-o de falar*)

Não insista, senhor Silvério. Voltarei amanhã para entregar os negócios e fazer as minhas despedidas. Peço-lhe que me desculpa com os seus, procurando não perturbar a alegria que reina no seu lar. (*Silvério toma-lhe as mãos, e, olhando-a, apaixonadamente, beija-as. Henriqueta vai até a porta. Volta-se e faz um triste aceno com a mão. Sai*)

CENA XXI

Silvério, só.

(*Silvério cai sentado na cadeira da secretária, e coloca o rosto entre as mãos. De repente levanta um papel que está sobre a mesa e momentos depois lê compassadamente*)

"O beijo é a centelha que ateia no coração o fogo sagrado do amor!"
(*Pausa*) "Dá-me um beijo". (*Deixa cair o papel sobre a mesa*) meu Deus, agora compreendo tudo! Ele beijou-a... (*Chora*)

ATO III

CENA I

Sala de visitas em casa de Silvério. Silvério e Praxedes conversam sentados.

SILVÉRIO

Felizmente, compadre, você está na terra e poderá tomar uma resolução sobre ele.

PRAXEDES

Eu sempre lhe disse, compadre, que o Renato era um caso perdido. O que, porém, ainda não posso compreender, são essas mudanças bruscas no procedimento dele.

SILVÉRIO

Depois que eu lhe puser ao corrente dos fatos, você compreenderá tudo.

PRAXEDES

Pois vamos a eles.

SILVÉRIO

Como já lhe mandei dizer, o Renato, no dia da chegada de Suzana, revelou-se, de repente, um homem inteligente e conhecedor dos negócios da casa. Uma verdadeira surpresa para todos nós.

PRAXEDES

É verdade. Tudo isso consta da sua carta; e ainda mais: que ele havia assumido a direção da casa, por ter adoecido a gerente, e que voltará a namorar minha afilhada.

SILVÉRIO

Tal qual. O que, porém ocultei foi que... a Henriqueta estava sendo requestada por seu filho!

PRAXEDES

Que me diz, compadre? O Renato continua conquistador?

SILVÉRIO

Nada sei de positivo; mas tenho como certo que ele procurou seduzir a moça, obrigando-a a abandonar o emprego de um dia para outro.

PRAXEDES

Como?

SILVÉRIO

Só ele lhe poderá explicar. O fato é que ela adoeceu gravemente no mesmo dia em que deixou a casa.

PRAXEDES

Coitada!

SILVÉRIO

E o que é mais importante é a solicitude do Renato visitando-a todos os dias, levando-lhe flores constantemente...

PRAXEDES

Mas você não me disse há pouco, compadre, que ele voltou a namorar Suzana?

SILVÉRIO

Nos primeiros dias; mas noto que ultimamente está arrefecendo muito...

PRAXEDES

Conte a coisa por miúdo...

SILVÉRIO

O Renato, a princípio, desenvolveu uma atividade maravilhosa, dando notável impulso a vários negócios. No fim de oito dias, porém, começou a perder o entusiasmo pelo trabalho. Finalmente, julgo que a Suzana já passou para o segundo plano.

PRAXEDES

Quem está no primeiro? A tua gerente ou alguma italiana?

SILVÉRIO

Não se trata de italiana... (*Mudando de tom*) O que é preciso, compadre, é que você se entenda com ele; porque não posso manter a minha casa de comércio nas condições em que se acha: inteiramente abandonada. Nem consinto que seu filho esteja a seduzir uma moça séria, salvo se está bem intencionado.

PRAXEDES

Você tem razão, compadre. Vou dar um jeito a isso.

SILVÉRIO

O que não lhe será fácil. Receio muito que nada consiga.

PRAXEDES (*admirado*)

Estou achando você muito preocupado. Eu bem o preveni a respeito do Renato. O que mais lamento foi você ter perdido sua boa gerente. Quanto aos amores dele pela Suzana, para mim não valiam dois caracóis.

SILVÉRIO (*ouvindo rumores*)

Vem subindo alguém. Provavelmente é o Renato. Convém que fiquem os dois sós. Resolva o caso com calma, sem molestá-lo. Afinal todos nós o estimamos. (*Sai e logo a seguir entra Renato por outra porta*)

CENA II

Praxedes e Renato.

RENATO (*vem entrando descuidado. Vendo Praxedes tem um movimento de alegria. Corre para ele e abraça-o com efusão*)

Oh! Meu pai! Que prazer! Que agradável surpresa! Quando chegou?

PRAXEDES

Bons olhos te vejo, filho. Quanto mais maluco, mais te quero. É natural. Filho único de viúvo.

RENATO

Então o senhor acha que cada vez estou mais maluco? Não soube que há mais de um mês resolvi por meus caprichos de lado para tornar-me um homem útil a família e à sociedade?

PRAXEDES

Soube, soube. (*Sentam-se*) Com efeito, estávamos em plena colheita na fazenda, quando recebi cartas do compadre e da Suzana, contando-me a tua transformação. Havia começado a trabalhar seriamente.

RENATO

Então? Tais notícias não lhe agradaram?

PRAXEDES

Quem diz que não? Agradaram-me tanto que, terminado o serviço grosso, vim correndo para abraçar te e agradecer àqueles que realizaram o milagre.

RENATO

Diz bem: o milagre! Por que, agora, me sinto outro homem.

PRAXEDES

Ouve-me. Cheguei ontem à noite e, em vez de ir para a tua pensão, preferi hospedar-me no Avenida, para vir surpreender-te hoje no teu trabalho.

RENATO (*confuso*)

Precisamente hoje não me foi possível chegar as horas de costume.

PRAXEDES (*encarando-o*)

Pois encontrei o compadre Silvério que só deu notícias desagradáveis. Em primeiro lugar, soube que a gerente, a boa gerente, que tanta paciência teve contigo, abandonou o emprego por tua causa.

RENATO

Não foi propriamente por minha causa. Reconheceu que eu estava mais em condições de gerir os negócios do que ela. Cedeu-me o posto. Por um natural orgulho e amor próprio não quis passar para o segundo plano e despediu-se.

PRAXEDES

Não seria outro o motivo?

RENATO (*surpresa*)

Outro qual?

PRAXEDES

Sim... prometi, há pouco, ao compadre não te falar no assunto...
Mas, uma vez que foste tu que...

RENATO (*interrompendo*)
Eu? Não compreendo...

PRAXEDES
É... É... Não insistas. O teu procedimento tem desagradado a todos
nesta casa.

RENATO (*tristemente*)
Talvez com razão, meu pai. Creia que estou sofrendo as
consequências dos meus caprichos... da...

PRAXEDES
Sei. O compadre disse-me tudo.

RENATO
Tudo?

PRAXEDES
Mais ou menos... Que no fim de poucos dias começaste a relaxar o
serviço, e já falas em abandoná-lo.

RENATO
Também é verdade! Não dou para o comércio e entendo que
Henriqueta deve voltar para o seu posto.

PRAXEDES (*satisfeito*)
Muito bem! Conta comigo! Dos arrependidos é o reino do céu. Eu te
arranjarei outro emprego.

RENATO
Comecemos pela Henriqueta, meu pai. Venha comigo a casa dela e
trate de convencê-la de que deve voltar para seu lugar.

PRAXEDES

Não sabia que lhe frequentavas a casa.

RENATO (*confuso*)

Depois da sua enfermidade visitei-a algumas vezes, na companhia de Suzana.

PRAXEDES

A propósito: como vai minha afilhada?

RENATO

Muito bem. Um anjo de bondade.

PRAXEDES

Ainda gostas dela?

RENATO

Por que não? Gosto muito. Se tivesse uma irmã, não a estimaria mais do que a Suzana.

PRAXEDES

Irmã?

RENATO

Por que não? Que há de extraordinário na palavra?

PRAXEDES

Então não te recordas mais das tuas promessas da infância? Pois na última carta de Suzana, ela mostra ter ainda a memória muito fresca.

RENATO

Ah! Ela tem uma boa memória.

PRAXEDES

Já sei. E tu?

RENATO

Muito embotada.

PRAXEDES (*sério*)

Olha, Renato. Basta de meias palavras. Como sabes sou: pão, pão, queijo, queijo. Não penses que me aborreço porque já não queres casar com minha afilhada. Conheço bem os dois para estar convencido de que seriam um casal infeliz. Mas o que não compreendo é que te passe despercebido tanta ternura, tanta bondade daquele anjo.

RENATO

Que quer, meu pai? Foi o imprevisto.

PRAXEDES (*aborrecido*)

Qual imprevisto! Foi a tua leviandade. (*Mudando de tom*) Sabes que mais? Não me sinto bem aqui. O caso está mais sério do que julgava. Hoje mesmo tomarei o noturno para São Paulo.

RENATO (*resoluto*)

Dessa vez não irá só, meu pai.

PRAXEDES

Como?

RENATO

Seremos companheiros... vou matar saudades do meu pomar, das minhas caçadas...

PRAXEDES

Não imaginas como está bonito o teu pomar! Muita fruta nova...

RENATO (*alegremente*)

Sim? Quais são elas?

PRAXEDES

Maças, peras, frutas-do-conde...

RENATO

Caquis?

PRAXEDES

Oh! Cada um deste tamanho. (*Indica com as mãos*) E os melões!?

RENATO

E a caça?

PRAXEDES

Não me fales. É o que não falta... Pacas, cotias... Pombas rolas... É só apontar e acertar num bando delas.

RENATO

Está dito, volto para a fazenda com o senhor.

PRAXEDES

Nós dois? Sem mais ninguém? (*Vendo entrar Suzana*) Olha quem vem ali...

CENA III

Os mesmos e Suzana.

SUZANA (*correndo para Praxedes a quem abraça*)

Oh, padrinho! Que surpresa agradável! Demorou tanto a sua vinda...

PRAXEDES (*abraçando-a*)

Ah, filhinha nunca fazemos o que desejamos. (*Mudando o tom*) Como ficou bonita esta menina... Já sei que deixaste o colégio. Estás contente?

SUZANA (*olhando para Renato*)

Já estive mais.

PRAXEDES

Como assim?

SUZANA

Nos primeiros dias da minha chegada supunha-me transportada ao paraíso. Aconteceu, porém, Henriqueta adoecer; e o seu estado agravou-se o que nos assustou bastante. Desde então comecei a compreender que na vida nem tudo são flores.

PRAXEDES

Na tua idade? Por que não? Demais tens teu pai e tua avó que te adorem. Tens teu padrinho que te ama como um pai extremoso... Tens... (*Olha para Renato*) que dizes tu, Renato?

RENATO

Que Suzana é querida de nós todos... Ela ficou ligeiramente nervosa com a moléstia de Henriqueta; mas felizmente esta já está boa.

SUZANA

Graças a Deus!... Estou esperando-a! (*Mudando de tom*) E eu que me havia esquecido de dar esta boa notícia a papai...

PRAXEDES

Darei eu. Antes, porém, desejava saber que moléstia teve ela.

SUZANA

Para mim foi o grande choque que sofreu com a brincadeira de Renato.

PRAXEDES

Que brincadeira foi essa?

RENATO

Ora, meu pai, isso é muito longo. Depois lhe contarei. O fato é que ela já está boa, graças aos cuidados e carinhos de Suzana.

SUZANA

Por que não dizes tudo? Não sei qual de nós foi mais solícito. Nas primeiras noites de febre e delírio eras tu com a prima Jandira que

ias buscar os remédios a qualquer hora. Creia, padrinho, eu já queria muito bem a Renato; mas depois que o vi tão arrependido da tal brincadeira o tão desvelado, ainda lhe quero mais.

RENATO (*beijando a mão de Suzana*)

Tu és um anjo.

PRAXEDES (*alegremente*)

Muito bem. Nesse terreno é melhor estarem sós, do que mal acompanhados. Vou levar ao compadre a boa nova da visita da moça.

SUZANA

Vá padrinho. Ele está agora no escritório.

RENATO

Vou acompanhá-lo meu pai.

PRAXEDES

Não. Conversa com Suzana que eu já volto. (*Sai*)

CENA IV

Renato e Suzana.

SUZANA (*tristemente*)

Querias deixar-me tão depressa? Apenas cheguei.

RENATO

É que estou com trabalho do escritório muito atrasado.

SUZANA

A culpa é tua que já não és assíduo como nos primeiros dias. (*Hesitando*) Por quê?

RENATO

Tenho fora vários negócios que me obrigam a sair constantemente...
e...

SUZANA (*interrompendo*)

Renato. Tu não és o mesmo. Estás muito mudado.

RENATO

Eu?

SUZANA

Sim. Tu. Nos primeiros dias de minha chegada não me abandonavas um instante. Os assuntos de nossa conversa faziam o tempo correr velozmente. Sem que eu possa dedicar, comecei a sentir que a tua voz ia perdendo aquele tom caricioso dos primeiros tempos. A tua loquacidade diminuía sensivelmente; até que nas últimas noites que passamos em casa de Henriqueta tu não me dirigias a palavra uma só vez.

RENATO (*perturbado*)

É possível que tenha razão. Perdoa-me! Confesso-te que seria difícilimo dar-te uma ideia nítida do estado do seu espírito, de um certo tempo a esta à parte. Crê. Há momentos em que me odeio.

SUZANA

Por quê?

RENATO

Por não me sentir digno do amor de pessoa alguma.

SUZANA (*ingenuamente*)

Nem do meu?

RENATO

Do teu, principalmente.

SUZANA (*lacrimosa*)

Compreendo tudo. Tu já não me amas. (*Chora*) Meu Deus... Ele já não ama!

RENATO (*tomando-a nos braços*)

Suzana, se me queres um pouco não me dilaceres a alma com as tuas lágrimas

SUZANA

Já sei! Amas a outra... alguma colona da fazenda... Eu conheço a tua história... Vai... Vai... para a Itália. Lá serás mais feliz do que casado comigo.

RENATO (*carinhosamente*)

Suzaninha está desarrazoando. Não fales assim... (*Mudando de tom*) Quando estiverdes calma, eu te demonstrarei à evidência, o receio que tenho de te fazer infeliz.

SUZANA (*lacrimosa*)

Abandonas-me, então, para dar-me a felicidade! (*Chora*)

RENATO

Por Deus, Suzana! (*Rumor fora*) Ouves? Vem subindo alguém... (*Suzana enxuga os olhos. Entram Praxedes e Silvério*)

CENA V

Os mesmos, Praxedes e Silvério.

PRAXEDES (*com alegria*)

Então, Suzana, teremos hoje aqui a Henriqueta?

SUZANA (*esforçando-se para demonstrar alegria*)

Disse-me que vem agradecer quanto você e vovó fizeram por ela.

SILVÉRIO (*radiante*)

Nada tem que agradecer. O que é necessário é voltar o quanto antes para seu emprego.

PRAXEDES

Apoiado!

SUZANA

Não creio que ela volte, papai.

PRAXEDES

Compreende-se também que ela não queira trabalhar sob a direção do discípulo.

RENATO

Por isso, não. Aproveito a oportunidade para declarar que me despeço hoje do cargo que tão mal estou desempenhando aqui, e que assumi num momento de loucura.

SUZANA (*consternada*)

Louco estás agora, procedendo assim: colocando papai em dificuldades.

SILVÉRIO

Deixa, Suzana! Renato pensa bem. Ele deve ter as suas razões... O que é penoso para mim é ter perdido uma pessoa em que depositava inteira confiança para...

RENATO (*interrompendo*)

Tranquelize-se, senhor Silvério, não lhe será tão penoso assim; porque dona Henriqueta voltará para seu posto.

SUZANA (*com energia*)

Não volta; nem tu deixarás o lugar. (*Chora*) Isto não tem cabimento. (*Cai nos braços do pai*)

RENATO (*tirando-a dos braços do Silvério*)

Vê, Suzana? A minha presença só te causa lágrimas... é necessário que a paz volte a esta casa.

PRAXEDES

Há de voltar. Não tenham dúvida. Isso corre por minha conta. (*Para Silvério*) Vamos ao seu gabinete, compadre. (*Toma Silvério pelo braço e saem*)

CENA VI

Renato, Suzana e a seguir Jovita.

RENATO (*indo acariciar Suzana, que o repele brandamente*)
Suzana... Minha querida Suzana.

SUZANA (*lacrimosa*)

Deixe-me. Não percas teus esforços em me enganar. Compreendo perfeitamente que já não me amas.

JOVITA (*entrando*)

Sr. Renato, estão no escritório muitas pessoas procurando pelo senhor. O corretor precisa muito lhe falar. A correspondência por abrir é enorme. Que devo fazer?

RENATO (*interrompendo*)

Bem, bem, vou já. (*Para Suzana*) Vou dar um pouco de andamento aquilo lá pelo escritório, enquanto não passo o posto.

SUZANA (*tristemente*)

Pode ir e seria melhor não voltar. (*Jovita tem saído*)

RENATO (*acariciando-a*)

Não é sincera Suzana. (*Sai e Suzana cai em pranto*)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com